filosofia ciência&vida

ENTREVISTA
Everaldo Cescon fala sobre a via de mão dupla entre a Religião e a Ciência

JANINE RIBEIRO
Na Literatura, Don Juan ilustra a diferença entre honra e honradez

ANO VII Nº 85 agosto 2013

www.portalcienciaevida.com.br

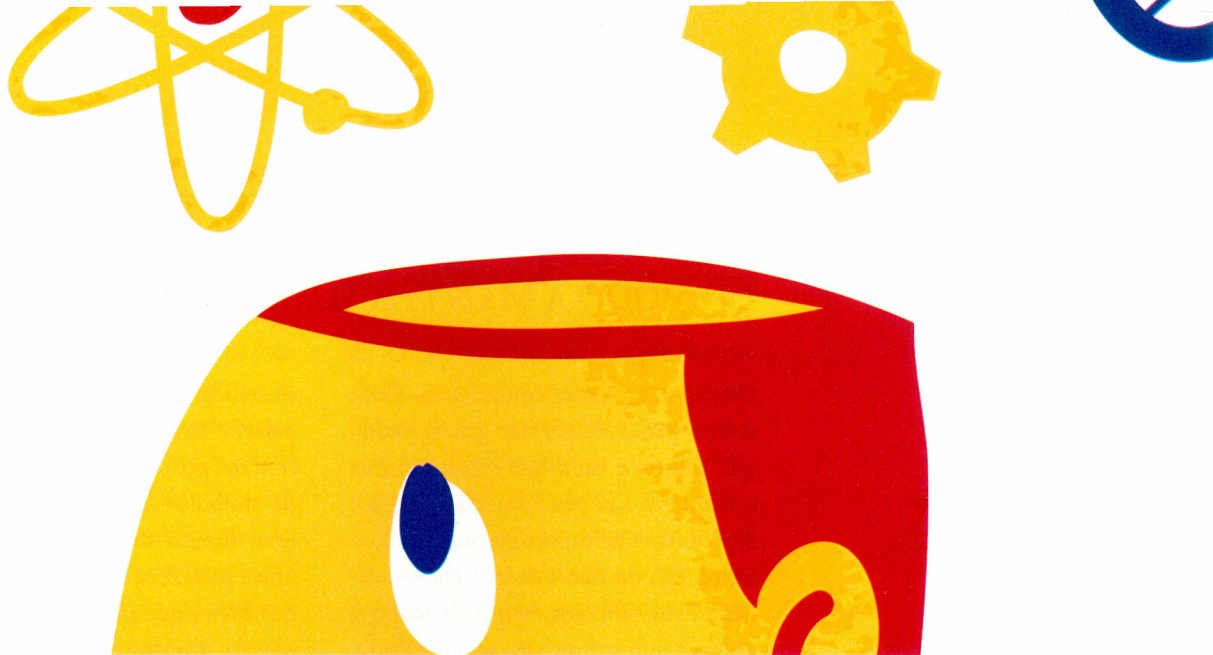
Estratégia do CONFRONTO

Memes, violência, o ser na multidão. Interesses do povo ou do Estado? O que explica a arremetida popular? Em MARX, BENJAMIN e DANIEL DENNETT

O PÊNDULO DE SCHOPENHAUER
Sofrimento, desejo, tédio e alienação social

GRANDE IRMÃO DA WEB
O papel das redes sociais nas manifestações e o controle político da internet

NÚMERO 85 - PREÇO R$ 7,90
ISSN 1809-9238

REFLEXÃO E PRÁTICA: KANT e as implicações filosóficas da Cultura

Manifestações culturais e a construção do pensamento autônomo

A cultura popular é carregada de subjetividade e representações, fruto da inconformidade e da vida refletida. Kierkegaard considera toda racionalização e construção sistemática como um afastamento da existência

IMAGENS: SHUTTERSTOCK

Em O *mundo sem ninguém*, um documentário de 88 minutos, os criadores simulam um ambiente em que a humanidade está extinta. O que aconteceria com o mundo se repentinamente o homem desaparecesse? Com o uso de avançados recursos de computação gráfica e baseado na observação de várias cidades abandonadas pelo mundo, o filme demonstra progressivamente que, após 3.000 anos do desaparecimento da raça humana, não restaria na superfície do planeta sequer um rastro da passagem do homem pela Terra. As mais suntuosas construções, carros, parques, bibliotecas, museus... Tudo seria consumido pela natureza e o mundo se transformaria em uma grande floresta. Como se diz no documentário, "a vida continuaria, mas agora sem ninguém mais para falar ou pensar sobre ela".

CRISTIANO DE JESUS É BACHAREL EM FILOSOFIA E ANÁLISE DE SISTEMAS, MESTRANDO EM FILOSOFIA, MESTRE E DOUTOR EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE FILOSOFIA, ÉTICA, ENTRE OUTROS. PESQUISA SOBRE A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA TECNOLOGIA E OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA SOCIEDADE. *CRISTIANO.JESUS@ACADEMUSNET.PRO.BR*

Esse vídeo demonstra claramente o que é a cultura. Sem o homem, ela se dissolve e desaparece. O termo tem a mesma origem que possui a palavra cul-

Por meio da cultura popular, o homem pode mudar subjetivamente o seu entorno de modo a manter sua individualidade

tivo, ou seja, manter, cuidar, nutrir. Com isso, é plausível afirmar grosso modo que cultura é tudo que o homem cria e mantém. Ela pode ser material, isto é, prédios, cidades, locomotivas, espaçonaves, etc; ou não material correspondendo aos símbolos, signos, linguagem, gestos e numa dimensão maior, valores, normas, conhecimento e crenças.

Quando no conhecido filme *Matrix*, o personagem Morpheus compara o homem a uma pilha elétrica, ele resgata uma antiga discussão sobre o "real". A cultura é real? No sentido etimológico, realidade tem origem no latim *res* (coisa) + *realis* (essência), o que significa que nesse sentido realidade não corresponde a tudo o que existe como normalmente se quer afirmar, mas sim à existência simbólica, aquilo que o homem consegue comunicar da existência concreta. Quando se diz a palavra "livro", todos entendem do que se trata, pois é um termo, um conjunto de símbolos articulados que possuem uma função representativa. Em uma única palavra se inclui toda a existência dos livros, que na concretude são únicos, de diversas formas, tipos, mesmo os livros que possuem o mesmo título possuem uma existência própria, são exemplares.

Assim sendo, a cultura, isto é, tudo o que é produzido pelo homem, seja material ou imaterial, compõe a realidade, mas no sentido da artificialidade. A humanidade é a "pilha elétrica" que mantém, que nutre, que cultiva essa realidade, assim como a pilha elétrica que mantém o brinquedo, o rádio, o controle remoto etc. Se desaparece o homem, a cultura desaparece junto.

O mergulhador, de Karen Blixen

"Nós, peixes, somos erguidos e sustentados por todos os lados. Apoiamo-nos com confiança e harmonia em nosso elemento. Movemo-nos em todas as dimensões e seja lá qual for o curso tomado, as poderosas águas, em reverência por nossa virtude, mudam igualmente de forma. Não temos mão, de modo que não podemos constituir coisa alguma e jamais somos tentados pela vã ambição de alterar o que quer que seja no universo do Senhor. Não semeamos e tampouco labutamos; logo, nenhuma estimativa nossa se prova errada e nenhuma expectativa nossa é frustrada. [...] Tenho compaixão pelo homem, bem como tato. Você mesmo, antes de encontrar o caminho até nós, talvez se entregasse ao cuidado de gado, camelos e cavalos, ou talvez criasse pombos e faisões. [...] O homem, embora caído e corrupto, mais uma vez logrou, pelo engenho, ascender ao topo. Continua aberta à dúvida, contudo, se mediante esse aparente triunfo o homem obteve verdadeiro bem-estar. Como pode o equilíbrio ser obtido por uma criatura que se recusa a abrir mão da ideia de esperança e risco? Nossa experiência nos demonstrou [...] que se pode muito bem nadar sem esperança, sim senhor, que se nadará ainda melhor sem ela. Logo, também nosso credo determina que, em nosso caso, toda esperança é deixada de lado. Não corremos riscos. Pois nossa mudança de lugar na existência nunca cria, ou deixa atrás de si, o que o homem chama de um caminho, fenômeno – na realidade não um fenômeno, mas uma ilusão – sobre o qual despenderá inexplicável deliberação apaixonada. O homem, no fim, alarma-se com a ideia do tempo e desequilibra-se pelo incessante vagar entre o passado e o futuro." (Texto adaptado pelo autor)

A cultura pode interessar a várias áreas do saber. Na Antropologia, estuda-se a cultura como forma de desenvolver o conhecimento sobre o homem; na Sociologia, ou como função, ou como estrutura, ou como a descendência dos significados, a cultura é tida como um dos elementos mais importantes para a coesão de uma sociedade. Por fim, a cultura também interessa à Filosofia, visto que a discussão sobre individualidade, subjetividade, autonomia, representação, emancipação e apropriação indiscutivelmente passa por ela.

Há diversas formas de manifestação da cultura que comumente são agrupadas com as denominações "cultura erudita", "cultura de massa" e "cultura popular". A cultura erudita é desenvolvida por uma elite de intelectuais e artistas, marcada por um certo formalismo que, acredita-se, confere confiabilidade e sofisticação ao conteúdo que é produzido. A cultura de massa é vinculada aos meios de comunicação de massa como televisão, cinema, imprensa e outros. Já a cultura popular, é importante defender, corresponde à manifestação produzida pelo homem na sua relação com as pessoas e com a existência, isto é, com o mundo concreto. Por isso a cultura popular é carregada de subjetividade e representações, fruto do assombro, da inconformidade e da vida refletida.

É importante aqui resgatar um tratamento muito oportuno que fizeram Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Eles cunharam o termo "indústria cultural" justamente para distinguir a cultura de massa boa da ruim. Há uma cultura vinculada para as massas que surge espontaneamente como resultado das relações sociais, relações de poder, da vida organizada. Hoje em dia esse tipo de veículo de comunicação carrega consigo o epíteto "independente", ou algo parecido – cinema independente, música independente e por aí vai. Porém há um outro tipo de cultura de massa que é produzida com métodos industriais para servir como mercadoria, destinada para as trocas comerciais. O objetivo, nesse caso, não é o compartilhamento do estranhamento, nem a provocação dialética, tampouco o progresso intelectual de uma comunidade mas sim o mero estabelecimento de uma mecânica movida pelo consumo.

Por isso é preciso tomar um pouco de cuidado para não cair no maniqueísmo pois a cultura popular não se con-

serva apenas nos becos, nas periferias, no isolamento. Ela também pode estar vinculada a grandes distribuidores. A autoria é um bom indicador para distinguir a autêntica expressão subjetiva de um mero artigo de consumo. Quando o cineasta dinamarquês Lars von Trier (1956) causou polêmica em Cannes com seu filme *Anticristo*, e foi intimado por um jornalista a dar explicações, apenas respondeu: "Eu trabalho para mim mesmo, não fiz este pequeno filme para você ou para o público, por isso não acho que deva explicar nada a ninguém". Sebastião Salgado (1944), fotógrafo brasileiro, deu uma declaração semelhante: "Não concebi [a fotografia] para o mercado. Se as pessoas querem, tudo bem". Manifestações como essas normalmente causam polêmica e é comum que seus autores sejam rotulados de "arrogantes".

Seja como for, a cultura popular, no sentido que aqui é defendido, pode estar presente no desenho da criança, no graffiti dos viadutos e metrôs, na música brega, no cinema cult, na fotografia amadora, na poesia escolar, na televisão, no carnaval, na procissão dos feriados santos, nos repentes nordestinos, em toda parte. Ela é destituída de toda pompa da cultura erudita e longe do vazio e da superficialidade que é marcante no conteúdo dos produtos da indústria cultural. Pode abranger massas, pequenos grupos ou mesmo ser particular. Sua principal característica é a expressão de uma autêntica subjetividade, de uma profunda experiência existencial. O indivíduo dispensa os sistemas racionais em que tudo tem uma explicação plausível, com começo, meio e fim, harmonia, simetria, beleza, final feliz, e salta para a concretude bruta, nua e crua, por vezes hostil, enfrentando o medo, a angústia, o tédio, ou desfrutando o êxtase, se permitindo parir o enunciado de uma experiência absolutamente única e irrepetível com o estranho.

Vale mencionar uma antiga discussão que sempre existiu na História da Filosofia. O pensamento rigoroso, que é marca fundamental da Filosofia, deveria necessariamente seguir uma linguagem difícil, hermética, chegando a ser

POR MEIO DA CULTURA POPULAR, O HOMEM PODE MUDAR SUBJETIVAMENTE O SEU ENTORNO DE MODO A MANTER SUA INDIVIDUALIDADE

inacessível para não iniciados? A História mostra que a Filosofia subiu num pedestal, assumiu para si uma posição de superioridade em relação às demais formas de manifestação do espírito. Isso teria começado com Sócrates, que foi bem-sucedido em identificar a Filosofia como o lugar da verdadeira sabedoria em detrimento da tradição dos poetas gregos e da tragédia. De repente as popularíssimas festas dionisíacas entraram em decadência agravada pelas exigências econômicas da democracia ateniense. Com o tempo, a Filosofia se afastou da vida e se tornou acadêmica, privilégio das elites.

O questionamento que se faz é o seguinte: será que Herbert Marcuse (1898-1979) foi a única referência do movimento estudantil de 1968 ou os roqueiros Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Jim Morrison e Pink Floyd tiveram também um papel nessa história? Na década de 1970 e 1980, durante a ditadura militar, a Filosofia foi banida das escolas – não teriam, em certa medida, contribuído para a politização da juventude Legião Urbana, Titãs, Paralamas do Sucesso, Biquíni Cavadão, Ira!, Capital Inicial, Cazuza, entre tantos outros? Mesmo se a Filosofia tivesse sobrevivido, teria ela produzido os mesmos resultados que produziram esses "rebeldes, maconheiros e gays entediados"? Que filósofo teria conseguido liderar uma verdadeira revolução comportamental feminina em plena era Reagan como conseguira Madonna e seu dançante e provocativo "Like a virgin"?

Entretanto, o consenso quanto ao monopólio da Filosofia para o conhecimento começou a entornar de forma contundente já no século XIX. Os ventos contestatórios viriam de Copenhague. Kierkegaard (1813-1855), cujo bicentenário do nascimento se comemora neste ano de 2013, é um filósofo anti-hegeliano que não tratara diretamente da cultura popular, mas estremeceu bases, o que abriu espaço para essa discussão mais adiante.

O principal ponto é que Kierkegaard considera toda racionalização e construção sistemática como um afastamento da existência: "os homens transformados em massa escravizavam-se à mentira e à bestialidade"[1]. O excesso de "saber", isto é, um tipo de saber instrumental que proporciona respostas rápidas e totalizadoras para as questões mais pessoais, para ele, é um dos grandes males de sua época. A pesquisa científica somente faz sentido se não tiver fim, se nunca se concluir. Se "o naturalista não sente esse tormento, significa que ele não é pensador."[2], "considerar a descoberta do microscópico como pequeno passatempo ou uma pequena perda de tempo, tudo bem, mas considerá-la como coisa séria é tolice"[3].

O filósofo dinamarquês não despreza a Ciência, apenas tenta colocá-la em seu devido lugar. A Ciência é útil, mas está longe de conseguir explicar a existência, como queriam Isaac Newton (1643-1727) e Auguste Comte (1798-1857), o mesmo vale para a Filosofia. A existência somente pode ser singular ao indivíduo, singularidade esta irrepetível e insubstituível. Por isso a existência não pode coincidir com o conceito[4]. Os fatos não devem ser demonstrados, e sim aceitos ou rejeitados[5]. A existência corresponde ao devir, ao contingente, ou seja, à história[6]. Insistir no contrário é como construir um castelo para depois morar no celeiro, como comentou o mestre de Copenhague, visto que não há existência conceitual na efetividade. Quando muito os sistemas se revelam

[1] Kemp, 2006, p. 566.

[2] LE & ANTISERI, 1991, p. 250.

[3] Ibid., p. 247.

[4] Ibid., p. 241.

[5] Ibid., p. 242.

[6] Ibid., p. 245.

como uma simulação, uma contrafação, uma caricatura, um quebra-cabeça incompleto, mas que satisfaz a curiosidade rasa. Em Kierkegaard, a ordem do sentido sempre ultrapassa a ordem do discurso[7], e por isso a Filosofia não pode ser um sistema especulativo, mas sim um diário íntimo da existência singular.

Para fins de ilustração, o conto "O mergulhador", de Karen Blixen(1885--1962)[8], apresenta de maneira exuberante, com delicado lirismo e fantasia, um relato que parece ter uma aproximação com a filosofia kierkegaardiana. Diz o conto que um certo mergulhador, pescador de pérolas, dizia ter alcançado a felicidade e a serenidade depois de ter conhecido um velho peixe-boi com óculos de aro de chifre. O peixe escapou de pescadores após ter sido capturado ainda muito pequeno. Como tivera a oportunidade de conhecer a natureza e os costumes humanos, era sempre convidado a dar palestras a públicos de peixes e gostava de conversar longamente com o mergulhador sobre esse assunto. Em uma dessas oportunidades, revelou sua filosofia. Eis o que defende: os peixes são as criaturas mais privilegiadas de todo o reino animal, visto que vivem sustentadas pela água, não precisam deitar-se e erguer-se todos os dias como fazem os homens, tampouco suportar todo o seu peso com duas pequenas plataformas sob os pés. O mundo líquido se ajusta perfeitamente a todos os peixes individualmente, seja na forma, grande, pequeno, redondo ou comprido, seja no movimento, para onde quer que o peixe nade, a água continua infalivelmente os apoiando em cada milímetro da sua existência.

O peixe apresenta uma alegoria encantadora que pode muito bem inspirar o sentido de existência de Kierkegaard. A água que se adéqua ao animal marinho sustentando-o perfeitamente segundo seu volume, tamanho, forma e movimento, dando conta de toda a multiplicidade de espécies e mesmo de indivíduos; Bem, parece o que o filósofo de Copenhague entendeu por existência, algo único e irrepetível, exclusivo de cada indivíduo. Pobres humanos que, em vão, empenham-se em cercar a existência por meio da domesticação de tudo... Domesticação dos alimentos na atividade pastoril e no cultivo, domesticação da realidade pelo trabalho, e até da natureza por meio do fenômeno descritivo-científico; que precisam de convencionalidades e sentimentalidades como esperança, ideologia, valores estabelecidos nos feitos e glórias daquilo que as massas aceitam como História. Não há dúvida de que o homem dá conta de produzir suas condições materiais de vida e todo seu pensamento, mas levar tão a sério suas ciências e doutrinas é se escravizar voluntariamente a uma ilusão por uma sensação de domínio e segurança igualmente ilusória.

Pode-se dizer que, por meio da cultura popular, o homem pode mudar subjetivamente o seu entorno de modo a manter sua individualidade, assim como a água que muda para acomodar as criaturas aquáticas? Essa é a tese defendida neste artigo. Mas é preciso cuidado, a indústria cultural desenvolve a prática de apropriar-se da cultura popular e devolvê-la para as massas em forma de mercadoria esvaziada da individualidade e da subjetividade de seus criadores. O problema é que as pessoas não percebem isso e não apenas consomem o produto como deixam seus modos de vidas serem modificados em função da mercadoria. A indústria cultural se passa por cultura popular, simulando inclusive a dinâmica pela qual as pessoas a absorvem em sua interioridade. O resultado é a planificação da montanha-russa que deveria ser a vida.

Um pouco mais adiante na cronologia, Friedrich Nietzsche (1844-1900) vem a ser um autor de destaque na crítica à autoridade da Filosofia que teria culminado para a sua cisão com a cultura popular. O filósofo alemão não apenas abriu caminho para um reposicionamento da Filosofia, como assim o fez Kierkegaard; mas também, aberta e explicitamente, agiu com seus textos para reaproximá-la da poesia e da cultura popular. Outros autores vieram depois, como Albert Camus (1913-1960) e Jean Paul Sartre (1905-1980).

Em o *Nascimento da tragédia*, Nietzsche afirma que "assim como o filósofo se porta perante a realidade da existência, assim se comporta o artista, artisticamente impressionável, perante a realidade do sonho; ele gosta de contemplar e contempla atentamente; pois é por essas imagens que ele interpreta a vida, e com esses acontecimentos se exercita ela"[9]. Com essas palavras, Nietzsche demonstra sua simpatia pela cultura popular grega. Ele também discorre sobre as relações entre a tragédia e a música, assim como entre o teatro e os rituais dionisíacos, que Nietzsche considera como a "máxima expressão da saúde e da cultura grega"[10]. Não só isso, mas também considerou os feitos de Sócrates como responsáveis pela decadência da cultura grega, abrindo caminho para o racionalismo presente até os dias de hoje.

Em "Escritos sobre educação", no texto "Consideração intempestiva: Schopenhauer educador", Nietzsche continua defendendo a cultura popular exaltando o espírito do artista em detrimento do homem preguiçoso. O homem preguiçoso é aquele que se entrega ao método, aos sistemas, ao racionalismo. Aquele que Kierkegaard aludiu apreciar construir castelos para

[7] FARAGO, France. Compreender Kierkegaard. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 17.

[8] BLIXEN, Karen. O mergulhador. (In) Anedotas do Destino. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 9-23.

[9] NIETZSCHE, 1948, p. 36.

[10] MENDONÇA, 2012, p. 90-97.

A CULTURA POPULAR ABRE CAMINHO PARA QUE A FILOSOFIA POSSA CRIAR INSTÂNCIAS DE EXPERIÊNCIAS, TORNANDO REALIZÁVEL A SUBJETIVIDADE, A AUTONOMIA, ENFIM, A APROPRIAÇÃO DE SI MESMO

viver no celeiro. Castelos ideais, em que tudo parece perfeito, em que tudo parece se encaixar, mas que não existe na efetividade. O que existe é o celeiro úmido, sujo, evasivo, que escapa a toda caracterização definitiva. Nietzsche afirma que "somente os artistas detestam este andar negligente, com passos contados, com modos emprestados e opiniões postiças, e revelam [...] o princípio segundo o qual todo homem é um milagre irrepetível; somente eles se atrevem a nos mostrar o homem tal como ele propriamente é, e tal como ele é único e original em cada movimento dos seus músculos". O andar negligente de passos contados é o andar do mecânico, do metódico, do lógico; cuja preguiça em pensar para além dos sistemas é desprezível, pois é ela quem dá aos homens o "comportamento indiferente das mercadorias fabricadas em série"[11].

Em "Fragmentos póstumos e aforismos", Nietzsche defende que o campo onde essa cultura superior pode ser desenvolvida é a Educação, porém uma Educação animada pelo teatro e pelo trágico. A cultura erudita é importante e deve existir, mas deve estar numa segunda etapa, antes são necessárias a experiência, a "aquisição de visões de mundo", "alguns anos de Helenidade", como afirma o filósofo[12]. Desse modo, não é pelo conceito, pelo "puro conhecimento" que a cultura é transmissível, mas sim pelo "poder pessoal", "pelas naturezas fortes e exemplares".

Contudo, o papel da cultura popular é produzir por meio da práxis, isto é, por meio da prática e dos costumes, entre crianças e velhos, operários, cozinheiros, donas de casa... Este semelhante ao movimento que a Filosofia provoca nas mentes mais introspectivas e acolhedoras ao conhecimento puro, a abstração em diversos níveis. Além disso, a cultura popular abre caminho para que a Filosofia possa operar numa segunda etapa, criando instâncias de experiências, tornando realizável a subjetividade, a autonomia, enfim, a apropriação de si mesmo.

Vale fazer alusão com um romance ou uma história de ficção qualquer: o pensamento dos personagens são fruto da operação mental e das experiências dos personagens ou foram inseridas na história pelo autor da mesma? Os personagens existem ou são fruto da inteligência e da capacidade criativa do autor? Uma reflexão parecida é possível fazer com a vida. Os pensamentos do leitor são resultados das suas experiências, da sua relação com a existência e com as pessoas ou são simples reproduções de todas as ordens dadas pela família pela comunidade em que está inserido, pela escola, pela religião institucionalizada, pela cultura de massas contaminada por interesses econômicos? Eis uma boa pergunta para se fazer – o leitor existe ou é um mero personagem entre tantos outros de uma história cujos autores são os pais, professores, pastores e sacerdotes, cientistas e filósofos? O leitor, já se apropriou de si mesmo e assim possui uma existência efetiva? Ou apenas é um consumidor de tudo o que está aí, habitante de um projeto ideal embora viva na concretude, implacável com os modelos estáticos, movida pelo devir? Por meio da cultura popular é possível existir, quebrando o vínculo umbilical com os padrões e com as convencionalidades. Ifilo

[11] NIETZSCHE, 2011, p. 162.

[12] NIETZSCHE, 2011, p. 261-263.

REFERÊNCIAS

BLIXEN, Karen. "O mergulhador". In: *Anedotas do destino.* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard.* Petrópolis: Vozes, 2011.

KEMP, Peter. Kierkegaard. In: HUISMAN, Denis. Dicionário dos Filósofos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MENDONÇA, Alexandre. Filosofia e Cultura Popular. In: MASSENO, André; BARROS, Tiago. *Filosofia e cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Quintal Rio, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia.* São Paulo: Editora Cupolo, 1948.

________________. Consideração intempestiva: Schopenhauer *Educador*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre Educação.* Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2011.

________________. Fragmentos póstumos e aforismos. (In) NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 261-263.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia:* do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.